

DEPOIMENTOS

Um desperdício de capital humano

JOAQUIM JOSÉ SALGADO

Engenheiro Mecânico (I. S. T.)

Todos se queixam da falta que, em geral, se está sentindo de elementos qualificados de trabalho, e da dificuldade de recrutar quadros; em particular, os chefes das empresas sentem todos os dias as suas consequências, e, no entanto, que observamos na prática?

Homens, tendo uma experiência real, e confirmados como capazes de uma actividade eficaz, e que não encontram emprego conveniente porque têm mais de 35 anos. É um verdadeiro escândalo, e um esbanjamento inadmissível do capital humano de um país. É bem lamentável que as Direcções não apliquem as mesmas teorias ao material; é velho, usado, inadaptado, mas conservam-no.

Por outro lado, lêem-se anúncios assim concebidos: precisa-se de um homem, *com grande experiência*, máximo 30 anos. Sèriamente pensa-se que aos 30 anos um homem, por mais dotado que seja, já fez o *pleno* da sua experiência? Puxemos objectivamente pela nossa memória, e vejamos se aos 30 anos tínhamos tanta experiência como aos 40 ou 50? Pessoalmente, e por mim, considero-me fora de causa, sou formal: penso que é necessário atingir os 40 ou 45 anos para se ter adquirido 80 % a 85 % de experiência; 50 anos para os 90 % a 95 %, a vida diária trazendo o resto com o decorrer dos anos.

Compreenda-se bem, eu não digo: dêm-se lugares aos velhos; digo simplesmente que é injusto dispensar-se a experiência de gente que a possui e que, ainda por muitos anos, é capaz de a explorar. É normal dela privar os jovens, a quem tão útil poderia ser.

Taylor disse que *é absurdo inventar para traz.*

Ora é precisamente para evitar aos novos que cometam erros passados que é indispensável fazê-los supervisionar pela experiência dos menos jovens.

Entendamo-nos bem: não se trata de *abafar* os jovens, o que seria muito mau cálculo, pois era ir de encontro à natureza e ao fim que se quer atingir, mas sim de provocar, depois *canalisar*, guiar e apoiar a sua acção. Eles trazem-nos elementos de um valor inestimável: a sua fé, o seu ardor, as suas ideias novas, e as suas concepções, revolucionárias por vezes. Seria absurdo, e mesmo criminoso, pôr de lado todo este capital, de que, pelo contrário, devemos metódicamente aproveitar tudo quanto for possível, e é aí que os velhos têm um papel capital a desempenhar.

Se se souber compreender e explorar todos os *tesouros* dos novos, os *antigos*, graças à sua experiência, poderão contribuir eficazmente numa evolução em todos os domínios da autoridade, sobretudo intelectual e funcional.

Um dia os *velhos*, aspirando a um merecido repouso, apear-se-ão e os *novos*, tornados já *menos novos*, retomarão o facho para, por sua vez, levarem o fruto da sua experiência — que em parte deverão aos mais velhos e a que eles juntaram a sua —, e a transmitirem aos seus sucessores para prosperidade das empresas e da economia nacional.

Que com todo o bom senso os que governam o Estado, as Empresas, e tudo quanto constitui actividade criadora, meditem nestas desprezíveis considerações. Talvez haja aí muito que interesse ao país aproveitar, na hora que vivemos decisiva para o seu destino ■